

ALFA E BETO UMA PROPOSTA DIDÁTICA EM QUESTÃO

Bruna Vanessa Rodrigues Ramos¹

Eixo temático: N° 9 - Alfabetização e as condições materiais e pessoais de ensinar em contextos diversos.

Resumo

Este artigo tem o intuito de compartilhar uma prática alfabetizadora que consistiu em subverter as imposições de um sistema que optou por comercializar a alfabetização de alunos oriundos de comunidades conflagradas, com aquisição de um programa de alfabetização exclusivamente fônico elaborado pelo Instituto Alfa & Beto. Com uma breve apresentação da proposta e dos materiais adquiridos pela Secretaria Municipal da Educação – RJ e a reflexão sobre a prática docente em diferentes contextos. Reconhecendo o hiato entre o currículo e a prática docente. Ressalto a importância da autonomia e da consciência docente do seu inacabamento. Quando o professor se reconhece como ser incompleto ele aceita compartilhar as experiências dos alunos e compreende que ensinar não consiste em transferir conhecimento e sim em construir de forma interativa.

Palavras chave: Alfabetização; prática discursiva.

Introdução

Alfabetizar é um desafio que encanta e assusta os professores, ser alfabetizador não é uma tarefa fácil, ser alfabetizador é uma verdadeira prova vocacional. O Brasil ainda tem 6,6% da população de analfabetos, de acordo com os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua Educação, este percentual equivale a cerca de onze milhões de brasileiros analfabetos. Apesar de uma discreta diminuição ainda temos uma parcela considerável de brasileiros que não dominam as competências e habilidades de leitura e escrita, considerando que estar alfabetizado não é somente decifrar o código linguístico, mas sim apropriar-se das dimensões sociais econômicas, políticas possibilitando o combate à exclusão social. Visto que vivemos em um mundo letrado e o analfabetismo é um fator de exclusão social.

O Brasil vem passando por importantes momentos de difusão dos conceitos de alfabetização leitura e escrita. Segundo ANDRADE (2010) são três momentos de impacto de formação na prática dos professores:

¹ Pós-Graduação em Educação: Curso de Especialização em Saberes e Práticas na Educação Básica – Ênfase em Alfabetização Leitura e Escrita pela UFRJ.

Professora da Educação Básica do município do Rio de Janeiro. Contato: bvrodriques2403@gmail.com ou bruna.vramos@rioeduca.net

A inserção do construtivismo nos anos 1980;

O conceito de letramento em meados dos anos de 1990.

A volta da consciência fonológica no século XXI;

Em 2003 a Câmara dos Deputados organizou o documento “Alfabetização Infantil novos caminhos” com intuito de tornar obrigatório o método Fônico no Brasil, com a recomendação do ensino sistemático da instrução fônica, dentre os autores estavam Fernando Capovilla e João Batista Araújo e Oliveira e outros, oriundos da Psicologia Cognitiva ou Experimental.

A proposta do PNAIC (BRASIL – MEC, 2012) distancia-se dessas interpretações equivocadas e defende que, durante os três anos do primeiro ciclo, precisamos ter metodologias para um ensino sistemático da escrita alfabética- bem como para o ensino da leitura e produção de textos orais e escritos – sempre na perspectiva do alfabetizar letrando. (cf. SOARES, 1998). (MEC/PNAIC, 2015, Caderno V, p. 60)

Em 2012 o PNAIC – Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa buscou conciliar a consciência fonológica e o letramento, até 2016 com parcerias com Universidades públicas, Municípios e Estados objetivando alfabetizar todas as crianças até os oito anos de idade.

Uma proposta que defende a visão de que a alfabetização com a inclusão das crianças em atividades sociais pode se compor de metodologias que de modo concomitante “favoreçam a apropriação do sistema alfabético” (PNAIC- Caderno de Apresentação 2012 p.20).

No ano de 2010 a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro adquire e implanta em escolas da rede, localizadas em áreas conflagradas o Programa Alfa & Beto para turmas de pré-escola II e alfabetização. As unidades que na ocasião foram denominadas *Escolas do amanhã* receberam diferentes ações e programas que tinham como objetivo, *melhorar* a o aprendizado dos alunos.

Neste ano, atuando em uma unidade localizada na comunidade Gardênia Azul, zona oeste do Rio de Janeiro, dominada pela milícia. Fui convidada pela direção da escola a assumir uma turma de primeiro ano do ensino fundamental, que teria que ser alfabetizada com o uso exclusivo do programa. E as experiências vivenciadas neste ano me levaram logo de início a um curso de especialização e a profundas reflexões sobre o processo de alfabetização. Algumas delas compartilhadas neste artigo.

Programa publicado pelo Instituto Alfa e Beto, tem como prioridade promover efetivamente a alfabetização, uma vez que a considera o problema maior da educação no Brasil.

O Programa estabelece metas de desempenho a serem atingidas pelos alunos, escolas e redes de ensino.

Segundo OLIVEIRA 2010 a proposta do Programa Alfa e Beto apoia-se em quatro pilares:

- Compromisso com o sucesso do aluno;
- Paradigma científico predominante, Psicologia cognitiva da leitura;
- Princípios pedagógicos;
- Concepção de ensino da língua;

Na alfabetização, métodos fônicos são superiores aos demais. Na leitura é essencial adquirir e desenvolver fluência para poder compreender o que se lê. Dominar a ortografia e a sintaxe libera o cérebro para cuidar do sentido que se escreve. Oliveira 2009.

As quatro competências da escrita enumeradas pelo programa:

- Caligrafia (escrita legível);
- Ortografia e semântica (nível da palavra);
- A sintaxe (nível da frase);
- Pragmática (nível do texto);

* O Objetivo da escrita é comunicar o leitor precisa entender o que foi escrito.

Expectativa X Realidade

Expectativa	Realidade
<ul style="list-style-type: none"> • Livros didáticos consumíveis; • Disponibilização de material pedagógico de apoio (Alfabeto móvel, fantoches, placas, minilivros de histórias adequados à faixa etária); • Garantia de 98% dos alunos alfabetizados ao final do ano letivo; • Formação e acompanhamento aos professores. 	<ul style="list-style-type: none"> • Livro didático Reprovado pelo PLND; • Minilivros – pseudo textos focados na decodificação dos fonemas; • Abordagem exclusivamente fônica; • Avaliação periódica para verificação dos níveis de aquisição da linguagem dos alunos.

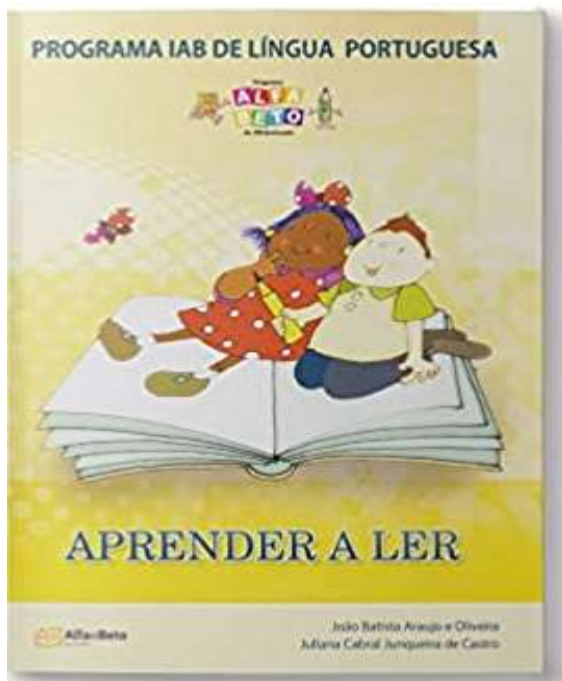
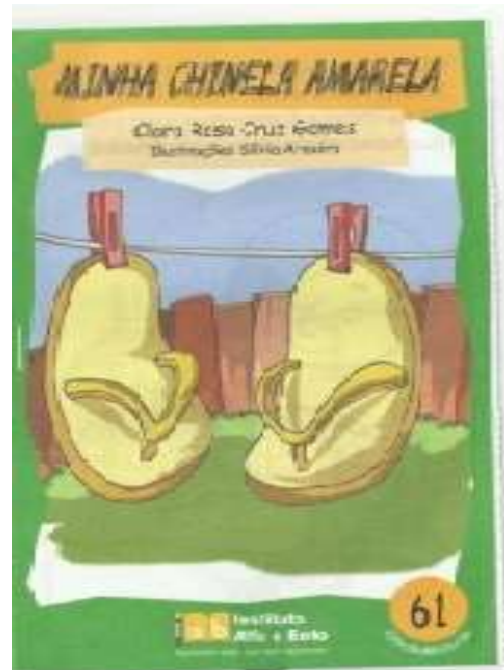
Conhecendo o material do programa:

Os Minilivros: Apresentam pseudo textos com finalidade de decodificação, sem contexto ou qualidade literária.

Orientações do programa para trabalhar com os minilivros:

- Organização da turma em pequenos grupos;
- Leitura do professor (modelo); Alunos em silêncio
- Um aluno lê. O professor relê caso o aluno erre, para o aluno repetir;
- O professor repete a ação com os demais do grupo;

Os outros grupos ficam sozinhos, lendo (treinando) ou prestando atenção no professor.



Livro Aprender a Ler (Livro do aluno)²

Livro Aprender a Ler é o principal recurso do Programa Alfa e Beto e tem como principais competências a serem desenvolvidas a decodificação e a fluência.

Todas as lições iniciam com uma proposta de leitura de um (pré) texto de onde sairá o fonema que servirá de base para identificação, decodificação a ser explorada na unidade.

A seção escorregar o dedo, propõe que os alunos leiam pseudo palavras, desvalorizando completamente a função social da leitura em prol de mera decodificação.

A justificativa do programa para esta proposta é a melhora na fluência, por meio da decodificação. O aluno conhece o fonema independente do contexto em que ele se encontra, acelerando assim sua leitura.

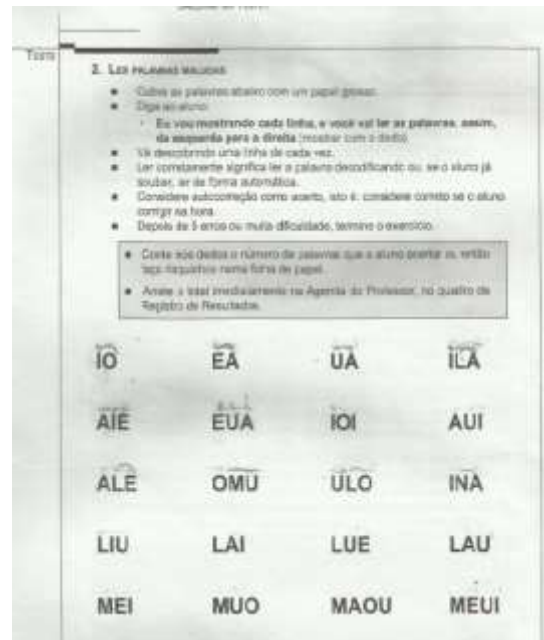
² A SME/RJ adquiriu somente o livro de Língua Portuguesa do programa.

Os testes

Os testes são aplicados ao término de cada cinco lições (unidades) do livro Aprender a Ler, com o objetivo de medir o desempenho dos alunos.

Este instrumento avalia os alunos em três grupos de competências:

- Decodificação – leitura de palavras/pseudo palavras;
- Fluência – Leitura comentada de um “livro”;
- Compreensão e expressão oral – Respostas a perguntas sobre o livro lido;



Sessão de leitura pseudo palavras

A realização do teste era cronometrada e o mesmo aplicado por outro agente, que não podia ser sua professora. Na maioria das vezes pessoas da equipe gestora ou até mesmo externas ao corpo da escola, o que já causava certa apreensão nas crianças.

Os rigorosos testes, serviam como instrumento de controle e cobrança sobre as professoras, pois quando os alunos não atingiam os resultados esperados pelo programa, a culpa do fracasso recaía sobre a professora que não estava seguindo o programa conforme as orientações dos manuais, ou dos alunos que não tinham frequência adequada. A eficácia do método proposto pelo programa nunca fora posta em questão.

A proposta de ensino apresentada pelo Programa Alfa & Beto de alfabetização considera o aluno como um sujeito perceptivo ao qual se exige o domínio das relações grafofônicas de forma passiva no processo de aprendizagem da leitura e da escrita. Sem considerar o sujeito do discurso e as interações discursivas.

Um olhar sob ótica discursiva da alfabetização

Considerando que o processo de alfabetização se constitui num espaço tempo de ampliação da leitura do mundo pelo aprofundamento tanto do conhecimento linguístico quanto dos modos de dizer e ler o mundo (GOULART; GARCIA (orgs.),2019, p. 15).

A Perspectiva discursiva de acordo com GERALDI, apud GOULART; GARCIA (orgs.), 2019 p. 18 a “[...] alfabetização com base nos sentidos adquire imediatamente cunho político, porque não discutimos grafemas, mas sim sentidos”.

A linguagem não é somente uma característica humana, mas constitutiva do ser humano. (Vigotski, 2007).

As afirmações nos conduzem a reflexão congraçando com os autores que nos dizem que a palavra com sentido é o microcosmo da consciência humana.

A Atividade discursiva envolve a elaboração conceitual pela palavra, isto significa que, na medida em que se aprende a ler e escrever palavras, se aprende significados e se produz sentidos.

Smolka 2008, esclarece que

a alfabetização não implica, obviamente, apenas a aprendizagem da escrita de letras, palavras e orações. Nem tampouco envolve apenas uma relação da criança com a escrita...Desse modo, implica mais profundamente, uma forma de interação com o outro pelo trabalho de escritura – para quem eu escrevo o que eu escrevo e por quê?

Para entender o discurso do outro nunca precisamos entender umas palavras; precisamos entender seu pensamento. VIGOSTSKI.

Portanto a comunicação é uma relevante atribuição da linguagem, mas não a principal. A linguagem é esse processo criador no qual nos fundamos, em que vivenciamos nossas experiências operando no campo semiótico. CORAIS, 2018.

Para Bakhtin o signo é um fenômeno ideológico. Ele não existe apenas como parte de uma realidade mas reflete e refrata outra realidade. “Tudo que é ideológico possui um valor semiótico” (BAKHTIN 1997p. 32 apud Corais)

Para Bakhtin o sistema de signos não foi uma criação natural, este se deu a partir de uma organização social, cultural e histórica dos grupos humanos.

“A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social (idem p.34) ”.

Práticas Subversivas de uma professora inconformada

Mesmo com pouca experiência em turmas de alfabetização, na ocasião, ao me deparar com a rigidez do programa e com uma série de lacunas com relação a identidade e subjetividade do aluno em seu processo de aprendizagem. Busquei com minhas colegas,

formas de subverter o programa e qualificar o processo de alfabetização que ofereceríamos a nossos alunos.

Como dito anteriormente, o que o programa apresenta como apoio aos profissionais, não passa de um controle rigoroso sobre o uso do material e obediência as normas. Diante de tamanha rigidez não havia outra possibilidade a não ser usar o material, mas por não acreditar nesta metodologia tão engessada o material não teve protagonismo nas minhas aulas.

E sempre que utilizado acontecia uma atividade transgressora ao programa. Uma das mais significativas para os alunos era a recriação dos pseudo textos contidos nos minilivros, que se dava da seguinte forma:

Após uma leitura do pseudo texto, as imagens do minilivro eram ampliadas e apresentadas a turma, a partir destas os alunos criavam um texto coletivo, com registro em blocão. Realizávamos a leitura compartilhada da nova versão. E uma dinâmica de organização textual.

LUÃ É DE LUA.
DE MANHÃ, ELE É UM MEL.
AÍ... Ó NÃO! MEL NÃO ELE É UM LIMÃO.
LUÃ DA OLÉ. AÍ ELE É UM MEL.
A LULA DÁ OLÉ EM LUÃ. UI!
AÍ, LUÃ É UM LIMÃO.
LUÃ LIMÃO! LUÃ MEL!
LUÃ É MEIO LIMÃO E MEIO MEL.
LUÃ É MEIO MEL E MEIO LIMÃO
ELE É DE LUA

Texto original
do minilivro
nº24



KAUAN É MEIO LIMÃO MEIO MEL
KAUAN É DE LUA DE MANHÃ CEDINHO,
QUANDO VAI VER O MAR ELE É UM MEL.
MAS QUANDO SAI DA ÁGUA COM FRIO...AÍ
ELE VIRA UM LIMÃO.
QUANDO CONSEGUE PEGAR UMA ONDA,
ELE VOLTA A SER UM MEL.
MAS SE TOMA UM SUSTO DA DONA LULA,
VIRA UM LIMÃO BEM AZEDO.
QUANDO KAUAN LEVA UM CAIXOTE DA
ONDA, FICA TODO NERVOZINHO E VIRA UM
LIMÃO.

KAUAN É ASSIM AS VEZES UM MEL AS
VEZES UM LIMÃO.

ELE É DE LUA MESMO.

TURMA :1103/2010

No texto produzido pela turma, o nome escolhido para o personagem principal foi o nome de um dos alunos da classe.

Após a leitura do texto original os alunos perceberam a intenção fonética com ênfase em sons nasais e seguiram a produção priorizando tais sons, porém construíram frases com sentido, relacionando-as às imagens e usando um vocabulário de domínio e conhecimento deles, como o uso da palavra



caixote para descrever a queda do banhista provocada por uma onda. A comunidade onde a escola é inserida fica próximo à praia da Barra da Tijuca – RJ.

Neste sentido SMOLKA,2008 p. 45 nos esclarece que

a escrita não é apenas um objeto de conhecimento na escola. Como uma forma de linguagem, ela é constitutiva do conhecimento na interação. Não se trata, então, apenas de “ensinar” (no sentido de transmitir) a escrita, mas de usar, fazer funcionar a escrita como interação e interlocução na sala de aula, experienciando a linguagem em suas várias possibilidades.

Dentre outras práticas de subversão ao programa, tínhamos a oferta de literatura infantil na sala de aula. Um cantinho clandestino de leitura, onde os alunos podiam manusear os livros, além da nossa roda de leitura deleite.

Seguir o programa era uma obrigatoriedade fiscalizada, sendo assim, o uso dos materiais oferecidos foi feito. Não da forma recomendada, pois o contato com a perspectiva discursiva durante o curso de especialização, me fez perceber que meu inconformismo com a proposta do Programa Alfa & Beto, não foi apenas um ato de rebeldia de uma professora que se recusa a seguir as exigências da Secretaria Municipal de Educação.

FREIRE 2015 p.28, fundamenta minha prática ao dizer que “o educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão”.

E assim, com embasamento teórico construído no decorrer do curso de especialização e apoio dos meus pares, se constituiu o processo de alfabetização da turma 1103 no ano de 2010 com ações subversivas, fundamentadas em uma concepção discursiva, que considera o educando como sujeito ativo em seu processo de aprendizagem.

Considerações Finais

A partir deste desafio vivenciado em 2010, busco valorizar a discursividade em todos os anos de escolaridade em que atuo, entendendo que a alfabetização não se limita ao domínio memorizado das relações fonema – grafema, nem tampouco a codificação e decodificação da língua.

Alfabetizar sobre a perspectiva discursiva é compreender que “o ensino e a aprendizagem da escrita não se dão num vazio, mas no movimento político de construção de sentidos socialmente referenciados”. GOULART, 2019 p. 22.

Compreendendo a importância da articulação interdisciplinar das diferentes áreas conhecimento, com textos de diferentes gêneros discursivos, que representam as singularidades do mundo variando as formas e linguagens sociais. A alfabetização não precisa de pseudo textos³ para acontecer. As crianças estão inseridas em um mundo letrado e cheio de possibilidades para aquisição da leitura.

A cada ano que atuo em turmas do primeiro ciclo de formação, me ponho esperançosa em alfabetizar todos os alunos que comigo estão, mas não me frustro quando ao final do ano letivo identifico alunos ainda em processo, considero o diálogo e a troca de experiências potencializadores do processo de constituição dos alunos como sujeitos capazes de expressar-se, fazendo-se entender para si e para o outro.

Assim, se o aluno se compreende como sujeito ativo e desenvolve a potencialidade da comunicação, certamente vai ampliar suas possibilidades de se formar leitor.

Referências Bibliográficas:

ANDRADE, Ludmila Thomé. **O professor alfabetizador imantado entre propostas e a metodologia do fônico**. LEDUC – Faculdade de Educação _UFRJ, Rio de Janeiro, Trabalho apresentado I Seminário Internacional sobre a História do Ensino de Leitura e Escrita. UNESP ; 2010

CORAIS, Maria Cristina (2018). **Alfabetização como processo discursivo: princípios teóricos e metodológicos que sustentam uma prática**. Tese de Doutorado em Educação. Niterói: Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense.

FREIRE, Paulo **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

³ Textos elaborados, com a finalidade de treinar exaustivamente a decodificação de determinados fonemas e que não apresentam relação com o contexto dos alunos e não têm qualidade literária.

GOULART, Maria Cecília; GARCIA, Inez Helena Muniz e CORAIS, Maria Cristina (orgs.) **Alfabetização e Discurso dilemas e caminhos metodológicos**, Campinas SP: Mercado das Letras, 2019.

OLIVEIRA, João Batista Araujo e. **Programa Alfa e Beto de alfabetização de crianças: Manual de Orientação**. 9. Ed. Brasília: Instituto Alfa e Beto, 2010

_____. A pedagogia é uma Jabuticaba? In folha de São Paulo, 18 de agosto de 2009.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante, **A criança na fase inicial da escrita: Alfabetização como processo discursivo**, São Paulo: Cortez; Campinas- SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2008 (Coleção Passando a limpo)

VIGOTSKI, Lev Semenovich, **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 2007

Dados da educação no Brasil disponíveis em:
<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-07/taxa-cai-levemente-mas-brasil-ainda-tem-11-milhoes-de-analfabetos> - Acesso em 14/07/2021

Informações sobre o Plano Nacional da Alfabetização na Idade Certa – PNAIC, disponível em: <http://www.educacao.ufrj.br/pnaic/> - Acesso em 14/07/2021